

***The Great Gatsby*. Dir. Baz Luhrmann. Beverly Hills: Village Roadshow Pictures, 2013. Filme.**

Karine Teixeira<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil

*The Great Gatsby*, de Baz Luhrman, baseia-se no livro homônimo do autor F. Scott Fitzgerald, de 1925. A história passa-se em Nova Iorque e na cidade de Long Island durante o verão de 1922. O romance relata o caos da Primeira Guerra Mundial, quando a sociedade americana vivia um nível sem precedentes de prosperidade. O narrador da história, Nick Carraway, um jovem comerciante de Midwest, torna-se amigo de seu vizinho Jay Gatsby, um milionário recém-chegado. A fortuna de Gatsby é motivo de rumores; a proibição de produção e consumo de bebidas alcoólicas havia feito um grande número de milionários e provocado um aumento do crime organizado. Mais tarde, Nick descobre que a razão da presença de Gatsby ali era para reencontrar seu antigo amor, Daisy Buchanan.

A história de vida de Fitzgerald influenciou todas as suas obras, mas principalmente *The Great Gatsby*. Seus romances e contos registram o resplendor e o excesso da sociedade americana da década de vinte, época que ele mesmo teve a oportunidade de testemunhar, e por isso a batizou de a Era do Jazz. Nascido em St. Paul, no estado de Minnesota, 1896, Fitzgerald iniciou sua carreira de escritor após mudar-se para o Alabama, onde também conheceu sua esposa Zelda Sayre Fitzgerald. Tanto como observadores, como participantes deste estilo, Fitzgerald e sua esposa Zelda levavam



uma vida social que espelhava o hedonismo de suas histórias. O autor critica a sociedade decadente de vinte, mas ao mesmo tempo fazia parte da mesma. *The Great Gatsby* é um exemplo disso, além de ser o mais célebre de seus romances.

*The Great Gatsby* foi traduzido diversas vezes desde sua publicação, tanto para outras línguas quanto para outras mídias. A prática de tradução de textos literários para as telas tem sido muito freqüente ao longo da história do cinema, mas isso nem sempre foi visto com bons olhos. A literatura era considerada uma forma de arte intocável e sagrada, portanto sua tradução para as telas era vista por muitos críticos como um plágio mal feito (Clerc). Isso se dava também pelo receio que com o advento do cinema e das novas tecnologias, a tradição cultural estivesse ameaçada, já que obras complexas estariam mais acessíveis ao público através de suas adaptações cinematográficas. Isso mostra como o valor cultural era medido erroneamente pela dificuldade de compreensão. Diniz afirma que os tradutores se apresentam como mediadores entre tradições, entre culturas. E não é diferente com a tradução de textos para as telas. É importante ressaltar que, ao falar sobre tradução de uma obra literária para o cinema é preciso atentar para os meios que o diretor dispõe para fazer sua tradução. Ao seja, linguagem de câmera, trilha sonora, figurino, montagem, etc.

*The Great Gatsby* foi adaptado cinematograficamente quatro vezes, em 1926 (versão perdida), 1949, 1974 e a mais recente, em 2013. Inclusive, devido ao sucesso do filme lançado em 2013, quatro novas traduções literárias brasileiras foram lançadas no mesmo ano. A tradução fílmica, dirigida por Baz Luhrmann, foi aclamada pelo público e ganhou diversos prêmios. Entretanto, uma obra com temas tão intrincados como *The Great Gatsby* é complexa de se traduzir para as telas. Uma tradução é diferente dependendo do contexto histórico em que for lançada, assim como a visão e estilo dos diretores também são fatores importantes, portanto versões bastante distintas de *The Great Gatsby* foram levadas ao cinema, adaptando-se as

sociedades da época. Até chegar à tradução filmica mais recente, a história de *The Great Gatsby* passou por outros contextos histórico-sociais. É importante aqui comentar um pouco sobre elas.

Em 1946, a Paramount decidiu filmar uma versão de *The Great Gatsby*, mas a idéia foi rejeitada devido aos tópicos lascivos da obra e a mesma foi considerada impossível de adaptar para as telas. Durante esse período o cinema americano trabalhava sob a censura do *Código Hays*, um documento de normas ditando o que poderia ou não ser levado para o cinema. Devido a essas proibições, apenas um ano depois, uma versão moralizada do roteiro de *The Great Gatsby* foi aprovada para ir às telas, sendo retiradas todas as menções a adultério e suicídio, adicionando passagens bíblicas e modificando a história de personagens para torná-las menos controversas. Paramount, então, decidiu transformar *The Great Gatsby* em um filme *noir*, subgênero muito popular na época. O filme *noir* deriva dos romances de suspense da época da Grande Depressão (muitos foram adaptados de romances policiais do período) e da estética dos filmes de terror da década de 1930. Algumas das principais características do cinema *noir* são personagens arquétipos, femme-fatales, policiais corruptos e maridos ciumentos, e também enredos sobre corrupção e fraqueza moral, muitos deles eram filmes de detetives e filmes de *gangsters*. Enquanto os protagonistas podiam ser personagens fracos e mais complexos, os personagens secundários raramente possuíam alguma profundidade ou autonomia.

Assim sendo, Elliot Nugent teve que lidar com as restritas normas do *Código Hays* e também adaptar a trama de *The Great Gatsby* para o subgênero *noir*. Para conseguir levar *The Great Gatsby* para as telas, Nugent precisou fazer diversas mudanças na história original, devido ao período e a sociedade em que a película foi realizada. Para que passasse pelo *Código Hays*, os personagens moralmente ambíguos ou que agiam contra a lei e os bons costumes na obra, ou foram completamente modificados, ou se arrependeram de seus crimes e pagaram por eles.

Em 1974, uma nova versão de *The Great Gatsby* foi realizada, também pela Paramount, com Francis Coppola como roteirista e Jack Clayton como diretor. Jack Clayton ficou famoso por adaptar obras literárias para o cinema, sendo este um dos motivos pelo qual foi escolhido para o trabalho. Sua versão de *The Great Gatsby* ganhou diversos prêmios, incluindo dois Oscars, três BAFTAs e um Globo de Ouro e é considerada a adaptação mais próxima da obra de Fitzgerald. Seguindo o livro quase que cena por cena, com diálogos quase idênticos aos do autor, *The Great Gatsby* de Clayton atenta a cada detalhe, como vestuário, os automóveis, música, trazendo os anos vinte para as telas o mais realisticamente possível. As idéias centrais da obra como a diferença social e o hedonismo dos anos vinte, são reforçadas através da narração de Nick Carraway. Assim como dos simbolismos que Clayton trouxe do livro, a cor amarela que está no carro de Gatsby, nos vestidos de Daisy, nos aros dos óculos do Dr. T. J. Eckleburg, que representa a riqueza no início da história e no seu decorrer passa a simbolizar morte. Clayton, com truques de câmera, como *close-ups*, faz com que o espectador preste atenção nesses detalhes.

Os críticos, entretanto, acharam a película muito lenta, quase arastada, em contraste com a prosa rápida de Fitzgerald, que em pouco mais de duzentas páginas, mostra com proeza tanto o fracasso de uma história de amor quanto a decadência da sociedade de vinte. A razão de Clayton para desacelerar a obra foi para que pudesse dar aos personagens a profundidade e complexidade necessárias, diferente da versão de 1949 que apenas tocou a superfície de suas personalidades. Assim, essa versão traz personagens com muito mais camadas, refletindo a obra literária de Fitzgerald. A atmosfera do filme vai de romântica e etérea nas cenas de Daisy com Gatsby à desolada e sombria quando nos mostra o Vale das Cinzas e a vida daqueles que ali habitam, fazendo uma comparação entre o *status* social, entre riqueza e pobreza.

Enfim, em 2013, a Warner Bros. Pictures lançava outra versão de *The Great Gatsby*, com direção e roteiro de Baz Luhrmann. O filme se tornou o mais lucrativo da carreira de Luhrmann, ganhando dois Oscars. O estilo cinematográfico de Luhrmann se destaca pelo excesso, tendo dirigido anteriormente o extravagante *Moulin Rouge* e também uma versão contemporânea da obra de Shakespeare, *Romeu + Julieta*. Em seu *The Great Gatsby*, Luhrmann faz jus a sua fama, com exuberantes efeitos especiais e muita cor, ele dá uma nova imagem aos anos vinte de Fitzgerald, desde o figurino até a trilha sonora. O vestuário não se encaixa com o dos anos vinte, trazendo uma versão mais modernizada dos vestidos e ternos, assim como as músicas que tocam nas famosas festas de Gatsby também refletem a sociedade atual, estando entre elas artistas como Jay-Z e Lana Del Rey. De acordo com Xavier, a maneira de produzir um filme é diferente de um cineasta para outro, dependendo de sua releitura e sensibilidade com relação à obra original, e também o momento histórico em que a película foi lançada, cada obra conta a mesma história de formas diferentes. Ainda, Even-Zorah afirma que a tradução se adapta a cultura alvo, para que assim seja mais bem recebida. Isso fica claro na versão de *The Great Gatsby* de Luhrmann, usando de trilha sonora contemporânea e uma aceleração típica do mundo atual, ele conquistou o público com facilidade.

O simbolismo da obra literária também está presente na adaptação, a luz verde que Gatsby vê no *deck* de Daisy representa tanto esperança, quando ele tenta inutilmente alcançá-la no início da película, quanto morte, na cena do atropelamento de Myrtle e no assassinato do próprio Gatsby. Mostrando assim que o que ele mais desejava, ou seja, Daisy, acabou sendo o causador de sua morte. Entretanto, Luhrmann acaba se perdendo na caracterização dos personagens, por escolher focar no visual do filme. Lucas (9), no livro *Literatura e Cinema*, diz que “ambas as artes, produção fílmica e literatura, tomam os olhos como ponto de entrada na consciência ativa do observador, mas de modo diferente”. A literatura pela escrita – palavras que se combinam em frases – que apela para a imaginação do leitor;

e a cinematografia por uma amplitude maior de recursos - planos que se combinam em sequências - que apelam para o sensorial. Na tradução de Luhrmann, podemos notar bem as tentativas do diretor de atrair o espectador através do visual, o cineasta transforma *The Great Gatsby* em um espetáculo de cores e brilho.

Personagens secundários não têm oportunidade de mostrar traços importantes de seu caráter como na obra literária de Fitzgerald, devido ao seu pouco tempo de tela. Luhrmann optou por centralizar a adaptação em *Gatsby*, tornando personagens como Daisy meramente em seu interesse amoroso. Em comparação com as traduções de Nugent e Clayton, a de Luhrmann é a que menos temos a chance de ver Daisy ou entendê-la. Ela, como em suas outras versões, surge envolta de elementos que representam pureza e inocência, quase sempre vestida de branco e rodeada de beleza. Em contraste com Tom e Jordan, Daisy parece diferente, uma inocente no meio de pessoas sem caráter. A interpretação de Carey Mulligan também ajuda a reforçar essa imagem trazendo uma Daisy mais vivaz e juvenil.

Logo no início da narrativa, após sermos introduzidos a Daisy, segue-se a cena em que Tom se ausenta da mesa de jantar para atender um telefonema de Myrtle, sua amante. Percebemos o incômodo de Daisy, mas a cena é rápida demais em comparação à obra literária.

Por um momento, os derradeiros raios da luz do sol caíram como uma romântica carícia sobre seu rosto; sua voz era tão baixa que compeliu-me a me inclinar para a frente, ansioso, para escutar melhor. Então o brilho empalideceu, cada raio de luz abandonando o seu rosto com uma tristeza insuportável, como crianças saindo de uma rua agradável ao anoitecer.

– Eu adoro vê-lo sentado à minha mesa, Nick. Você me lembra uma... uma rosa, uma rosa absoluta. Ele não a

faz lembrar também? – disse ela, voltando-se para Miss Baker em busca de confirmação – Ele não parece uma rosa absoluta?

Isso não era verdade. Eu não me pareço nem de leve com uma rosa. Ela estava improvisando. [...] Então, de súbito, ela jogou o guardanapo em cima da mesa, murmurou um pedido de desculpas e entrou na casa. (Fitzgerald 23)

Baz Luhrmann faz jus ao seu estilo cinematográfico e transforma *The Great Gatsby* em um espetáculo visual, e apesar de alguns personagens terem menos tempo de tela do que as versões anteriores, ele ainda traz os aspectos marcantes da obra literária usando de simbolismo. Por ter transformado *The Great Gatsby* em um filme mais atual e por isso mais rápido, algumas idéias da obra se perdem no decorrer da película, mas a mensagem principal, a crítica social à sociedade de vinte, é mantida.

Ao analisar a adaptação fílmica da obra literária *The Great Gatsby*, não se intenciona diminuir ou elevar uma arte em detrimento da outra, pois cada uma possui suas particularidades, mudanças são inevitáveis quando se deixa o meio lingüístico e se passa para o visual. Observamos o quanto contexto interfere no processo tradutório de uma obra para as telas, assim como os traços da poética de cada diretor tem seu peso.

## Referências

Clerc, J. M. *Littérature et cinema*. Paris: Nathan, 1993.

Diniz, Thaïs Flores Nogueira. *Literatura e cinema: tradução, hipertextualidade, reciclagem*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005.

Even-Zohar, Itamar. *Polysystem Studies*. Durham: Duke University Press, 1997. [Poetics Today]

Fitzgerald, F. Scott. *O Grande Gatsby*. Tradução de Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2007.

Lucas, Fábio. “Prefácio”. In: Lucas, Fábio. *Literatura e Cinema. Mistérios da Criação Literária*: coletânea de depoimentos célebres e bibliografia resumida. Ed. José Domingos de Brito. São Paulo: Novera, 2008.

Xavier, Ismail. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

Recebido em: 03/05/2019

Aceito em: 22/07/2019

Publicado em: Setembro de 2019

---

Karine Teixeira. E-mail [karine\\_teixeirads@hotmail.com](mailto:karine_teixeirads@hotmail.com)

ORCID: [https://orcid.org/0000\\_0002\\_5270\\_729X](https://orcid.org/0000_0002_5270_729X)